
O AMIGO DAS LETRAS.

Dulcique animos novitate tenebo.

Orid. Met. IV.

DOMINGO 23 DE MAIO DE 1830.

A VÓZ DO SABIO E DO POVO.

(Continuação da pag. 64 N.º 6.º)

Póde o imperante ao menos impedir que se pronunciem votos de castidade antes da idade de vinte e cinco annos; e se alguém disser ao príncipe: “que será das
 „ filhas segundas, que nós de ordinario sacrificamos e os
 „ primogenitos das familias nobres? „ Responderá o príncipe: “ Ellas terão a mesma sorte das filhas segundas
 „ na Suecia, Dinamarca, Prussia, Inglaterra, e Hol-
 „ landa: darão cidadãos ao Estado; ellas nascêrão pa-
 „ ra a propagação, e não para recitar Latim, que não
 „ entendem. „ Uma mulher, que cria dous filhos, e se
 „ esmera no arranjo de seus negócios domésticos, faz mais
 „ serviços á patria do que todos os conventos juntos.

E' por extremo vantajoso ao Estado, e ao imperante, que hajão muitos philosophos, que se dêm ao tra-

imprimir estas maximas no coração dos
balho, e
ômens.

Como os philosophos não tem interesse algum particular, nunca podem deixar de fallar a favor da razão, e do interesse publico.

Quando os philosophos destróem a superstição, é grande o serviço, que fazem ao principe, de quem ella é sempre capital inimiga.

A superstição ordenou o assassinio de Henrique III, Henrique IV, Guilherme, principe de Orange, e de outros muitos; ella tem feito correr rios de sangue desde o tempo do Constantino.

O inimigo mais terrível, que tem o Genero Humano é a superstição: quando ella impera no principe, tolhe todo o bem, que elle talvez quizerá fazer ao povo; quando domina o povo, torna-o indolente, fraco e cruel, e o excita a obrar em prejuizo de seus verdadeiros interesses.

Em toda a terra não se encontra um só exemplo de philosophos oppondo-se ás leis dos Estados: mas não se aponta um seculo, em que a superstição e o enthusiasmo não tenham causado perturbações taes, que fazem horror.

Quando o governo véla na policia ecclesiastica, desaparecem os bandalhos e as dissensões: vem-se sempre exemplos de desordens e calamidades, quando os ecclesiasticos não vivem inteiramente sujeitos ao governo.

Será no realida-de feliz aquelle povo, que tiver á sua frente um principe philosopho.

O principe philosopho sabe que quanto menos damno fizerem as controversias theologicas, o enthusiasmo e superstição, tanto maiores serão no Estado os progressos da razão: cumpre pois que elle anime e promova os progressos da razão.

O principe philosopho deverá sempre prestar muita attenção á Religião, por isso que ella ensina uma moral pura, e utilissima aos ómens: tambem não deve tolerar questões sobre dogmas, visto que essas questões nunca produzem senão males.

O principe philosopho facilmente se convencerá, que um povo quanto mais laborioso fôr, tanto mais rico será: cuidará, por tanto, em aformosear as cidades, pois que assim haverá muito mais trabalho, e d'elle resultará o util e o agradável.

MR. VOLTAIRE, *Política e Legislação.*

EVA DESCREVE A SUA PRIMEIRA ENTREVISTA COM ADA.

O' Tu, de quem, e para quem formada
Só fui, e carne sou da tua carne;
Pois sem ti eu seria um ente nullo,
Nem um objecto tendo: tu, meu chefe
E minha guia; quanto proferiste
E' justo, e racional. Nós devemos
Em verdade a tão Grande Ser Potente
Todo o louvor prestar, todas as graças,
E cada dia novas tributar-lhe;

E a mui principalmente, que gozando
 Estou do maior bem, e prazer summo;
 Pois que gozo de ti, da preeminencia,
 Que tão superior a mim te torna,
 E faz que eu encontrar um Se não possa
 Que deva em paralelo entrar contigo.
 Quasi sempre me lembra aquelle dia,
 Que pela vez primeira despertando,
 Reclinada me vi sobre mil flores,
 A' sombra de altas arvores absorta,
 Sem saber onde estava, quem eu era,
 Nem como tinha sido alli trazida.
 Não distante uma fonte murmurava
 Em borbotões sahindo d'uma lapa,
 Formando bella e liquida planicie,
 Da qual a superficie era tranquilla
 E para, como o vasto Ceo sereno.
 As idéas faltando-me, e a experiencia;
 Para lá os meus passos vou guiando,
 E da borda na relva já sentada,
 O lago examinei, que manso e claro
 Segundo firmamento parecia:
 Apenas me curvei por vér o fundo
 Sobre que repousava, n'um momento
 Defronte uma figura me apparece,
 Para mim fita olhando: eis estremeco,
 E fujo, ella estremece e foge; volto
 Atrahida de novo do seu gesto,
 Ella torna de novo a apparecer-me;
 A' terna sympathia respondendo.
 De minhas vistas gratas e amorosas.
 Meus olhos inda agora n'ella fixos

E meus affectos mudos estiverão,
 Se uma voz este aviso me não dêsse :
 — Essa, que vês ahí, e te enamora,
 Formosa creatura, é tua sombra ;
 Ella vem, e retira-se contigo.
 Segue-me tu agora, eu te conduzo
 Onde sombra não, é quem lá espera
 Tua chegada, e teus doces abraços ;
 Aquella, de quem tu és propria imagem,
 Que tens de possuir inteiramente,
 E a quem tu deves dar innumeraveis
 Filhos, seus semelhantes, e por isso,
 Mãe do Genero Humano has ser chamada. —
 Que devia eu fazer ? Sem demorar-me,
 Segui a voz occulta, que me guia
 Te ao sitio do Platano frondoso,
 Onde te descubri, debaixo á sombra.
 Pareceste-me bello, na verdade,
 De magestosa fôrma ; mas, julguei-te
 Menos bello, atrahente, doce, amavel ;
 Do que a formosa e meiga creatura,
 Que nas aguas eu vi da clara fonte :
 Retirando-me então, tu apressado
 Me seguiste, por mim alto bradando :
 — Eva gentil ! De quem é que tu foges ?
 De quem tu és a carne, e tens os ossos !
 Para teres o ser, eu emprestei-te
 Do lado ao coração meu mais vesinho
 Uma costella, a fim de seres sempre,
 Bella Eva, do meu lado inseparavel,
 E da minha alma parte a mais querida ;
 Por tanto, assim te busco, reclamando

A metade, que tens tu de mim mesmo. —
 Em quanto isto dizias, a mão tua
 Carinhosa da minha se apodera :
 Cedi, e logo então ví com certeza
 Quanto á belleza excede a magestade
 Das maneiras viris, a sapiencia,
 Que verdadeiramente só é bella. „

Assim nossa commum primeira Madre
 Fallou, nos olhos tendo o doce lume
 Do conjugal amor, casto e innocente,
 A que de todo grata se entregava ;
 E sobre o nosso Pai primeiro, inclina
 O seu corpo gentil, por abraçallo.
 O seio niveo seu, no ouro envolvido
 Das madeixas, que ondêão esparzidas,
 Já se eleva, o de Adão nú encontrando :
 Este, já nas delicias engolfado,
 Aos encantos se entrega da belleza,
 Que nos braços aperta ; como Jove
 Para Juno se ri, quando fecunda
 As nuvens, que de Maio as flores lanção ;
 Puros beijos nos labios imprimindo
 Da sua Esposa respeitavel, digna.

PARAISO PERDIDO DE *J. Milton*: TRADUCCÃO
 DO Visconde de *S. Lourenço*.

REFLEXÕES SOBRE A ORIGEM, E OS PROGRESSOS DAS SCIENCIAS, NA ASIA, E NO EGYPTO.

Que as sciencias tivérão a sua origem nos diversos povos da Asia, e entre os Egypcios, em tempos extremamente proximos do diluvio, é um facto constante, que ninguem questiona. Mas, cumpre examinar as causas, que fizérão com que esses povos fossem os primeiros, que por suas descobertas tanto se distinguissem.

Não pódem as sciencias prosperar senão na razão directa dos progressos das artes. Antes de tratar de haver o superfluo, é sempre perciso buscar os meios de alcançar o necessario. Podemos mui bem comparar os primeiros ómens, immediatamente depois da confusão das linguas, e da dispersão das familias, com as nações selvagens e barbaras, que ainda hoje existem. As sociedades, que a principio se formárão, erão pouco numerosas: e é certo que a prosperidade das artes e sciencias n'um Estado, depende, geralmente fallando, do maior ou menor numero dos cidadãos. Assim yêmos nós que em todos os tempos, só gosárão d'esta vantagem os grandes imperios. N'esses Estados, a perfeição das artes, e mais que tudo da lavoura, grangêa a certo numero de ómens um descanso util e vantajoso; por meio d'este descanso, o espirito, já desonerado do pêzo das primeiras necessidades, sahe da estreita esphera, em que essas necessidades o tinham opprimido, e emprega todas as suas forças na cultura das artes e das sciencias. D'ahi provém que são sempre os progressos de certas nações maiores, e muito mais promptos, do que as dos outros povos menos civilizados.

Fôrão os Babylonios, os Assyrios, e os Egypcios, os primeiros povos da antiguidade, que se constituirão em nações propriamente ditas. Não tardarão pois a civilisar-se, e por conseguinte depressa se dêão á cultura das artes e das sciencias. E por certo que devião os seus progressos ser mui rapidos, attendendo a que n'esses primeiros seculos, não fôrão aquelles imperios inquietados por guerras externas, nem por dissensões intestinas: mais que todos, o Egypto gosou, desde o principio da sua monarchia, de uma tranquillidade perfeita.

A Babilonia, a Assyria, e o Egypto havião necessariamente de augmentar muito, e até rapidamente, em população. Um Estado bem povoado e civilizado não pôde deixar, dentro em pouco tempo, de viver na abundancia. A tranquillidade e a abastança, que desfructavão os Babylonios, os Assyrios, e os Egypcios, nos primeiros seculos immediatos ao diluvio, facilitarão-lhes os meios d'elles se dedicarem ás sciencias, e até mesmo aos estudos mais abstractos. Cada um d'aquelles imperios contava uma multidão immensa de cidadãos, dos quaes uma não pequena porção estava dispensada de todos e quaesquer trabalhos penosos e obrigatorios. A' sombra d'esta tranquillidade e independencia, poderão, muitos d'elles consagrar todos os seus momentos ao estudo. E' uma reflexão esta, que não escapou aos escritores celebres da antiguidade. Aristoteles, empenhando-se na descoberta do lugar do nascimento das sciencias, não receou affirmar que ellas tivêrão o seu bérço n'aquelles Estados, cujos habitantes gosarão de maior descanso. E' esta a causa, a que elle attribue os progressos dos Egypcios na Ma-

thematica. N'aquelle paiz, diz elle, a classe dos sacerdotes dedicava-se inteiramente ao estudo. (1)

Exactamente o mesmo se pôde dizer dos Babylonios. Entre elles, os Chaldeos formavão um corpo separado do resto do Estado: o seu genero de vida era muito semelhante ao dos sacerdotes Egypticos. Era o estudo a sua assidua occupação; as leis do Estado os dispensavão de outro trabalho qualquer. Estes estabelecimentos por certo que muito devião contribuir para o progresso, e para a perfeição dos conhecimentos humanos; mas é que também não podião ter lugar senão em nações numerosas, e como taes em estado de permittir a uma porção de seus membros o gozo da tranquillidade, que exige o estudo das artes e das sciencias.

Todavia, houve um povo, pouco numeroso, na verdade, que dos primeiros se fez notavel assim por seus conhecimentos, como por suas descobertas. Fállo dos Phenicios, os quaes formão uma excepção á regra geral. Reinava n'aquella nação um genio particular, que lhe obteve prematuros progressos na carreira das sciencias. Os Phenicios havião, desde o principio, lançado todas as suas vistas no commercio maritime. Mas, para bem se sahirem de seus projectos, tivêrão aquelles povos de adquirir grande somma de conhecimentos: e com effeito, não fallando já na Arithmetica, e Astronomia, e Geographia, a Geometria, e a Mechanica, erão-lhes

(1) No Egypto, erão os sacerdotes os unicos depositarios da historia, e das sciencias da nação. Quando Herodoto, Platão, e Diodoro narrão algum facto, dizem sempre, que o ouvirão da boca dos sacerdotes.

absolutamente necessarias. O Estado dos Phenicios não era consideravel ; e por isso , não lhes era vantajoso deixar a uma parte dos cidadãos dedicar-se exclusivamente ao estudo , que requerem as sciencias abstractas. Fôrão com tudo felizes n'esta parte , porque empregando-se todos os cidadãos unicamente nos diversos ramos do commercio , cada um d'elles contribuia quanto podia para aperfeiçoar e augmentar as descobertas , que podessem favorecer o interesse , tanto geral , como particular.

E' por tanto facil de conceber o modo , e a razão , porque as sciencias se estabelecerão de preferencia nos paizes , que mais depressa se civilisárão. N'isto combina a razão com a historia ; a qual , tratando dos primeiros seculos , não nos apresenta como sabios senão os Egypcios , e alguns povos da Asia. Por uma consequencia necessaria do mesmo principio , nada podemos dizer a favor das nações da Europa , durante a mesma época. Esta parte do globo levou mais tempo a povoar-se , e chegou a civilisar-se muito mais tarde do que as outras : os seus habitantes não se reunirão tão depressa em sociedades. Além d'isso , parece que os primeiros povos da Europa não tinham tanto genio para as descobertas , como os povos do Oriente. Elles não tivérão conhecimento algum das artes e sciencias , senão no tempo em que para lá se fôrão estabelecer varias colonias Asiaticas e Egypcias. Eis o motivo porque a historia da Europa até esse período , isto é , até á época do estabelecimento das colonias Egypcias e Asiaticas , fornece bem poucos materiaes á curiosidade.

Não deixemos , todavia , de observar que , nos primeiros seculos , havião os progressos das artes e sciencias

ser mui vagarosos, ainda mesmo n'aquellas nações, que com mais ardor e constancia a'ellas se dedicarão. Por quanto, a imperfeição dos meios, que, como todos sabem, a principio se empregarão para escrever os pensamentos, devia necessariamente servir de grande obstaculo ao adiantamento dos conhecimentos humanos. Por muito tempo não conhecêrão os povos outra escrita, senão as pinturas representativas, e os jeraglyphicos. Esta especie de escrita é extremamente defeituosa, não podendo representar com clareza tudo o que não sejam objectos sensiveis: os symbolos não são de modo algum apropriados para exprimir com precisão as idéas abstractas. Não poderão, por conseguinte, as Mathematicas fazer progressos conhecidos, senão depois da invenção da escrita alphabetica.

E' inegavel que esta descoberta contribuiu infinitamente para a perfeição e adiantamento das sciencias: mas, tambem é certo que ella foi a principio de mui pouca utilidade. Para os ómens poderem aperfeiçoar suas descobertas, é preciso que elles mutuamente communiquem suas idéas; mas, para que tivesse lugar esta mutua comunicação, não bastava a invenção dos caracteres alphabeticos; fazia-se necessario achar materias flexiveis, de facil transporte, e sobre os quaes se podesse escrever com brevidade extensos discursos. Mas, todas estas descobertas fôrão feitas já tarde: o mármore, as pedras, os tyolos, os metaes, a madeira, etc. erão antigamente os unicos materias, que servião para a escrita: pôde-se dizer que então quasi que mais se gravava, do que se escrevia. Com o muito tempo, que nos primeiros seculos era preciso empregar para traçar algumas linhas, mal

se podia esperar que fossem rapidos os progressos das sciencias. Acresce a isto, que os livros de semelhante natureza não podião ser transportados sem muito trabalho e grandes difficuldades: e a este motivo é que devemos attribuir o estado de imperfeição, em que entre os antigos povos por muito tempo estiverão as sciencias. Há cem annos a esta parte, tem os conhecimentos humanos feito mais progressos do que em toda a antiguidade; e por certo que devemos esta vantagem á grande facilidade, que encontramos na prompta e fácil communicação de todas as possas descobertas.

Da Origem das Leis, das Artes, e das Sciencias, entre os Povos antigos. T. II. LIV. III. ART. VI.

N. B. Em abono do crédito do Sr. J. C. A. Rangel, e em cumprimento do nosso dever, fazemos observar a nossos Leitores que o 2.º verso do ultimo Terceto do Soneto, transcrito no nosso N.º 6. Pag. 68, está errado por descuido de redacção, e deve lêr-se: —

Tou saero, e divinal Liberalismo.

Ao 1.º verso do Soneto immediato substituo o Sr. Rangel, o seguinte: —

Caliginosa nuvem, que envolvia.

O REDACTOR.

S. PAULO: NA TYPOGRAPHIA DO FAROL PAULISTANO.